

SILVIO MEIRA E ALEMANHA: TERIA GOETHE LIDO OS LUSIÁDAS?

Silvio Meira and Germany: Did Goethe Read The Lusiads?

André Augusto Malcher Meira- Presidente do Instituto Silvio Meira (ISM), Mestre em Direito pela Universidade de Lisboa, Doutor em Direito pelo UNICURITIBA. Membro Titular da Academia Paraense de Letras Jurídicas, Ex-presidente e Membro Titular da Academia Brasileira de Direito. Advogado e professor.

Afinal, Goethe leu Os Lusíadas? Foi influenciado pela obra de Camões? Esta é a pergunta central de uma memorável obra intitulada “Estudos Camonianos e Goethianos”, escrita pelo professor paraense Silvio Augusto de Bastos Meira, meu avô, patrono do Instituto, e editada pela Universidade Federal de Goiás, em 1989. Obra única, estudo inédito que merece a reedição urgente. Já li e reli este livro várias vezes e decidi dedicar este tema como a conferência magna de abertura deste I Congresso Germano Brasileiro do ISM, em Frankfurt, nesta Universidade Goethe. Não haveria, na vida, ocasião melhor.

O espírito de Silvio Meira para assumir o difícil desafio de fazer um paralelo entre o Fausto e Os Lusíadas explica-se por duas razões: A primeira foi a influência do seu pai, meu bisavô, o senador Augusto Meira, que foi um exímio estudioso de “Os Lusíadas”, epopeia portuguesa. Augusto Meira é o autor de “Brasileis”, a única epopeia nacional brasileira, em 14 versos camonianos, reconhecida pela Academia Brasileira de Letras e por intelectuais da estirpe de Ariano Suassuna como “Os Lusíadas do Brasil”. Na leitura do primeiro canto do “Brasileis” já se percebe o esqueleto camoniano no lirismo de Augusto Meira, que passou de pai pra filho. Vejamos:

*“As armas cantarei, troféus e
heróis / Que, em rude
esforço, ousado e sobre-
humano / Dilataram, à luz de
tanto sóis / Toda a glória do*

*gênio lusitano! / Direi a
guerra, o sol, os arrebóis / As
vastidões da selva e do
oceano / Direi na lyra de
ouro, sobranceira / Toda a
vida da gente brasileira”*

A segunda razão é que o autor foi, além de catedrático e emérito jurista do Direito Romano, onde também se debruçou nas obras dos imortais juristas Savigny e Jhering, um estudioso profundo da língua e da cultura alemã, desde a infância, quando começou os estudos em Belém do Pará com a saudosa professora Otilia Müller Schumann, e, depois, um autodidata, devorando, sozinho, por noites a fio, toda a gramática Gaspey-Otto-Sauer da língua alemã, da primeira à última página, da declinação dos artigos aos advérbios, realizando todas as traduções e versões, conjugando todos os verbos de memória, gravando todos os vocabulários e, ao final, repetindo, de cor, poemas inteiros de Goethe, Schiller, Koerner, Lessing, Heine e outros poetas alemães. O primeiro livro que leu, em alemão, aos 10 anos, foi “Os Irmãos Grimm”, quando apaixonou-se de vez pela cultura tedesca.

Silvio Meira traduziu, em um trabalho lento de puro prazer espiritual, que levou muitos anos de meditação e estudo, com a calma e a paciência que a cultura requer, o poema dramático “Fausto”, de Goethe, seguindo a edição original alemã, volume 14, de “Goethes Werke”, editada pela ordem da grã-duquesa Sofia da Saxônia, sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras (de onde recebeu seis prêmios literários – entre eles o Machado de Assis), como a melhor

tradução para a língua portuguesa, tendo recebido, também, a “Verdienstkreuz” (medalha do Mérito da República Federal da Alemanha, em 1ª classe), a maior condecoração alemã, no Reichstag, em Berlim, em 10 de março de 1971, das mãos do Conselheiro Cultural da Alemanha, Sr. Jurgen Pöhlmann, que proferiu, à época, o seguinte discurso:

“O Senhor Presidente da República Federal da Alemanha concedeu a Vossa Excelência, professor Silvio Augusto de Bastos Meira, a Cruz do Mérito de Primeira Classe da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha. Desde a juventude, Vossa Excelência tem demonstrado um vivo interesse por assuntos culturais, especialmente pela literatura, além de dedicar-se com afinco às matérias jurídico-científicas da sua especialidade em sua qualidade de jurisconsulto e, mais tarde, de professor de Direito Romano. Assim sendo, Vossa Excelência estudou alemão e dedicou-se com desvelo à literatura alemã. A sua vasta obra de traduções contribuiu de maneira marcante para a maior divulgação da literatura alemã no Brasil. Nesta conformidade,

a presente condecoração figurará como testemunho palpável e também com penhor do agradecimento por suas assinaladas diligências em prol das amistosas relações germano-brasileiras no campo da cultura”.

Silvio também recebeu homenagens da Sociedade Teuto-Brasileira, em Bonn, com a presença do ministro Bucher, do embaixador e ex-consul geral em São Paulo, von Kameke, além de autoridades eclesiásticas e do poder legislativo alemão, sendo orador da cerimônia o professor Görger, da Universidade de Bonn.

Da mesma forma, o Instituto Goethe de Munique e o Instituto Cultural Brasil-Alemanha do Rio de Janeiro, de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador, tendo à frente o professor Wilhelm Keller, tomaram a iniciativa de ir a Belém do Pará homenagear o professor Silvio Meira, agora na sua terra natal, no auditório da Universidade Federal do Pará.

A tradução de Fausto escrita pelo paraense, pelo Amazônida Silvio Meira é uma obra prima. Mergulhou como ninguém na alma do poeta, na espinha dorsal da obra. No posfácio, faz elogios às traduções afamadas de Castilho e Ornelas, mas, depois, descasca, estrofe a estrofe, os erros cometidos, justificando sobretudo que ambos não conheciam a fundo a personalidade e o espírito de Goethe que, além de poeta era jurista, ao escrever o Fausto. E o faz com propriedade absurda de um

profundo conhecedor da língua e da vida de Goethe. Assim escreve Silvio Meira:

“Traduzir o poema dramático Fausto de Goethe, diretamente do original alemão, não constitui tarefa simples. Mas é tentadora como escalar uma grande montanha. Há perigos de toda sorte e as paisagens que se descortinam são inesquecíveis. Torna-se necessário parar muitas vezes e inundar os olhos e a alma”.

Silvio comenta o fato de que Castilho não era profundo conhecedor da língua alemã, limitando-se a usar variadas edições de outros idiomas, sendo muito ajudado por seu irmão. Como exemplo, ele traduz da seguinte forma um trecho da obra em que o Espírito se dirige ao dr Fausto:

*“Pronto! Eis-me aqui.
Pasma, covarde?
Foge-te a cor?
Perdeste a fala?
Tremes de horror?
Ó sábio, o forte.
O sem segundo,
O que em seu peito
Criava o mundo,
O que nutria
Orgulho tal,
A que nós Espíritos
Se cria igual
Aí jaz por terra*

Convulso, exausto!

Já Silvio Meira, assim traduziu o mesmo trecho.

*Eis-me aqui! Mas que medo tão impertinente.
Te assalta, oh Super-Homem. E da alma o anseio?
E o mundo que conténs vaidoso no teu seio?
Com exagerado orgulho, crendo-te genial?
Julgavas-te de nós, Espíritos, igual?*

Vê-se que Castilho produziu mais uma paráfrase do que uma verdadeira tradução. Não obedecia às rimas, foge ao original. Introduce ideias pessoais que nada tem a ver com a concepção Goethiana.

Como estamos em um evento sobre a Amazônia, na Alemanha, na Universidade Goethe, se faz necessário lembrar os ensinamentos de Silvio sobre o próprio Goethe, quando explica:

“Essa preocupação com a natureza, esse êxtase pela natureza, esse desejo incontido de sondá-la, de devassá-la, são pertinentes na alma de Goethe e se refletem em sua obra. Durante muitos anos dedicou-se ao estudo da biologia, da botânica e da física. Sem ser propriamente um especialista,

realizou descobertas científicas ainda hoje proclamadas pela medicina, como a de a caixa craniana constituir a última vértebra, e a do osso intermaxilar. Estudava com carinho os vegetais na sua permanente transformação e a certa altura do poema exclamava pela boca de Fausto: “amostra-me a fruta podre antes de ser colhida, e a planta que reverdeça cada dia”. É a natureza sempre presente, quando descreve montanhas, vales, penhascos, o céu e a terra indevassáveis aos homens. E com Mefistófeles exclama acorrentado: “Deixou Deus apenas ao homem o dia e a noite”.

Seria o espírito amazônida do próprio Goethe? Quem sabe!

Lembro, quando eu era criança, passeando de carro com meu avô pelas ruas do Rio de Janeiro, ele dirigindo e, com as mãos no volante, mexia os dedos como se estivesse tocando as notas de um piano. Certa vez, curioso como sou, perguntei por que ele mexia os dedos daquela forma no guidão, quando ele me respondeu: “não estou tocando piano, meu neto, estou calculando a métrica do Fausto...”

Não satisfeito, Silvio Meira traduziu, também, o drama “Guilherme Tell”, de Friedrich Schiller (2 edições), sendo também premiado pela Academia Brasileira de Letras. Nesta tradução, Silvio explica: “Nesta tradução empreguei processo diferente do utilizado na do Fausto, de Goethe. No Fausto, procurei assimilar o pensamento goetheano e recriar, fiel à métrica e às rimas. Tentei viver o poema e refazê-lo em vernáculo, com a maior fidelidade possível ao original. No Guilherme Tell, não me preocupei com métrica nem rimas. Apenas o ritmo, a melodia da prosa poética, ou da poesia livre, fiel ao texto alemão, fugindo ao irônico trocadilho italiano: traduttore, traditore.

Sobre a cultura tedesca, ainda publicou traduções de antologias poéticas de diversos poetas alemães como Bertold Brecht, Karl Krolow, Gunter Eich, Peter Jokostra, Rainer Brambach, Helmut Mader, Oscar Loerke, Conrad Ferdinand Meyer, entre tantos outros, publicada em Belém, como separata na Revista de Cultura do Pará, ano 5, números 20 a 21, de julho a dezembro de 1975, ano em que nasci.

Há um poema que eu gosto muito, de Theodor Storm, festejado poeta alemão lírico do norte, formado em direito, advogado, que não foi incentivado por seu pai, que chamava seus escritos de “tolice”, intitulado “Cerra-me ambos os olhos”, assim traduzido por Silvio Meira:

*“Cerra-me os olhos, os dois,
Com tuas mãos tão queridas;
Da alma, as minhas feridas
Tuas mãos abrandam. Depois*

*Arrefece o meu anseio
Com tuas mãos, de mansinho
E ao fim de tanto carinho
Meu coração fica cheio”*

Silvio completou seus estudos humanísticos em bolsa de estudos na Alemanha, França e Itália, nos anos de 1957 a 1962. A convite do governo alemão, Silvio Meira estudou e visitou as universidades de Bonn, Hamburgo, Berlim, Munique, Bochum, Heidelberg, Constanza, Max Planck, Frankfurt, entre tantas outras, onde, em todas elas, proferiu inúmeras conferências, participou de bancas, estudos e pesquisas ao longo de toda a sua vida.

Na sua primeira visita à Alemanha, em 1956, há um fato clássico: ao viajar de trem de Genebra, na Suíça, via Basel, com destino a Heidelberg, soldados alemães, conversando com Silvio, ao perceberem como um brasileiro tinha tanto domínio da língua alemã, questionaram: “Há quanto tempo você mora na Alemanha?”. Silvio, bem ao seu estilo, olhou para o relógio e respondeu: “Há 15 minutos!”. Uma alegria espontânea brilhou nos olhos de todos ao ver um brasileiro que nunca tinha ido à Alemanha falar tão bem a língua deles.

Creio que todas essas razões levaram Silvio Meira a decidir escrever um paralelo entre a obra de Goethe e de Camões, dois gigantes das letras universais, separados por séculos de distância.

A obra “Os Lusíadas” foi escrita por Luis Vaz de Camões em 1572; já o “Fausto” teve sua primeira versão composta em 1769, mas apenas um esboço conhecido como “Urfaust” (Proto-

Fausto), sendo que um outro esboço foi escrito em 1791, intitulado “Faust, ein Fragment” (Fausto, um fragmento), não chegando a ser publicado. A versão definitiva só seria escrita e publicada por Goethe no ano de 1806, sob o título “Faust, eine Tragödie” (Fausto, uma tragédia). Vê-se, portanto, o lapso temporal que separa os dois grandes gênios.

Mas, teria Goethe lido Camões? Há algo de camoniano na obra goethiana?

Responde Silvio Meira: “Estudamos o Fausto de Goethe profundamente e o traduzimos para a língua portuguesa. Por isso ficamos em condições de, ao reler Os Lusíadas encontrar, aqui e ali, nada menos que sessenta e quatro coincidências impressionantes. Coincidências que surgem não apenas da obra, mas, também, da própria vida aventureira de Camões, que em certos passos assume aspectos faustianos. Ao que nos consta, até hoje nenhum autor atentou para tais afinidades, semelhanças e coincidências”.

Por esta razão resolvi dedicar a conferência do nosso congresso em Frankfurt a este tema. Já li tanto “Os Lusíadas” como o “Fausto” traduzido por Silvio Meira e realmente o autor tem razão quando explica que Goethe foi um épico e um lírico como Camões, aliando no “Fausto” à filosofia mais profunda, com concepções hauridas da Bíblia, irmanadas a uma lírica suave, encantadora, exatamente como Camões fazia.

Como exemplo, cita que a personagem “Margarida”, o amor de Fausto, muito se assemelha a Inês de Castro, o amor do futuro rei Dom Pedro I, de Portugal, em “Os Lusíadas”. Ambas jovens e amarguradas, ambas vítimas do

amor irremediável e do destino implacável. Vejam: Fala Dona Inês: “Qual será o coração / Tão cru e sem piedade / Que não lhe cause paixão / Uma tão grande crueldade / E morte tão sem razão / Triste de mim, inocente! / Que por ter muito fervente / Lealdade, fé, amor / No príncipe, meu senhor / me mataram cruelmente”; Agora, Margarida, em Fausto, em lamúrias, no cárcere, de joelhos: “Quem te deu, ó carrasco, um tão alto poder / Sobre o meu pobre ser! / Buscar-me à meia noite! / Apiada-te de mim e deixar-me viver! / Amanhã não é melhor em pleno alvorecer? / Eu ainda tão jovem! Jovem! Tão novinha! / E já devo morrer? / Formosa sempre fui, essa a desgraça a minha! / O amado sempre ao lado, agora está distante / A grinalda desfez-se, as flores desfolhadas...”. A figura delicada e pura de Margarida, que imola o próprio filho, não tem algo de Inês de Castro, sacrificada pelo rei cru?

Em outra parte do livro, explica o autor: “O primeiro toque que nos levou a outras investigações decorreu da leitura do “Prólogo no Céu”, no “Fausto”, em que Mefistófoles, diante do Senhor, referindo-se ao ser humano, o compara com um gafanhoto que pula sobre a terra. Camões, em “Os Lusíadas”, alude também ao homem como um bicho da terra tão pequeno. A cena do “Fausto”, de inspiração bíblica, coloca Mefisto diante do Senhor e dos três arcanjos Gabriel, Rafael e Miguel. Camões põe as naus do Gama em pleno oceano, a corte celestial de deuses pagãos decidindo sobre o destino daqueles bichos da terra tão pequenos. As três caravelas se chamavam “Gabriel, Rafael e Miguel. Quando Gama chega a Moçambique, Baco se transmuda,

surge humano e jovem. Lembra o rejuvenescimento de Fausto. As mudanças, as manhas, as velhacarias de Baco são semelhantes as de Mefistófoles. Ora aparece com um traje, ora com outro, ora com figura de velho, ora de jovem”. Em outra parte da obra, o autor passa a elencar de forma particularizada as semelhanças e coincidências entre Goethe e Camões.

Vejam. Em “Os Lusíadas” há um pensamento “...mas, o que é Deus, ninguém o entende / Que a tanto engenho humano não se estende”; em “Fausto” – “Quem dizer pode, oh amor / Eu creio ardente em Deus? / Pergunta aos sacerdotes e até mesmo aos sábios / Sua resposta é uma graça a sair de seus lábios / ao seu inquiridor”; Há um verso em “Os Lusíadas” reproduzindo o “como”, o “quando” e o “onde” as coisas cabem (149, IX) e em “Fausto” se reproduz “Nan sieth noch, wo und wie”, vendo, todavia, “onde” e “como”, da mesma forma que em uma cena “Na Casa da Vizinha”, quando há a fala de Marta: “Ei wie? Ei wo? Como? Onde?”. Em suma, o autor encontrou 64 pontos de semelhanças entre as duas maiores obras desses dois gênios da literatura universal, mas que, neste curto espaço não conseguiríamos expor todas elas. Nosso objetivo é apenas trazer à baila uma nota sobre o livro, tentando instigar a plateia à procura da obra completa.

Teria Goethe lido “Os Lusíadas”? Não teria Goethe, com seu espírito genial, sofrido alguma influência do poema camoniano? São perguntas que o autor toma como ponto nevrálgico no estudo realizado. Ao final da leitura, a resposta é assertiva: Sim, Goethe sofreu forte influência da

obra camoniana, muito pelos autores dos quais era fã e que já eram influenciados pelo poeta português, a exemplo de Tasso, escritor italiano. O “Fausto” tem um “quê” de “Os Lusíadas” e isso o torna belo. Por outro lado, no século XIX ocorreu o fenômeno inverso, tendo diversos aspectos da obra de Goethe influenciado a literatura portuguesa, estudo também realizado neste livro espetacular do escritor paraense Silvio Meira.

Renomados intelectuais se manifestaram sobre o caráter germanista de Silvio Meira.

Sobre a tradução do Fausto feita por Silvio Meira, escreveu o imortal Carlos Drummond de Andrade: “Não preciso dizer-lhe do interesse que me despertou a recriação, em vernáculo, da obra-prima alemã, interpretada com tanto escrúpulo intelectual e conhecimento de particularidades literárias, que tornam esse trabalho realmente digno de admiração”.

Sobre o caráter germanista de Silvio Meira assim pronunciou-se a saudosa escritora Racquel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um goethiano, cultor e tradutor do Poeta. Isso se compreende, pois as afinidades entre ambos são evidentes, como a multiplicidade de facetas intelectuais, que no paraense descobrimos na cátedra, na ciência, na linguística, na poesia, no romance. E cada qual tão merecedora de aplausos quanto a obra”.

Câmara Cascudo, um dos maiores escritores brasileiros, assim definiu: “O professor Silvio Meira acompanhou o verso de Goethe em sua indumentária brasileira até os limites da transmissão clara e lógica. Humanista, familiar à

Cultura Romana, sabia que a necessidade contemporânea é Ação e não o Verbo”.

O monumental Cassiano Ricardo, emérito intelectual da Academia Brasileira de Letras, assim manifestou-se: “Silvio Meira, uma fina sensibilidade de poeta, me deu a conhecer melhor algumas passagens que até então eu só acreditava serem belas por simples intuição, pressentimento e procura do que podia ter ficado escondido pelas palavras deste ou daquele tradutor”.

Da mesma forma, o grande imortal Octávio de Faria, também da Academia Brasileira de Letras, escreveu: “Eis porque não hesito em afirmar que as traduções, as esplêndidas traduções que, dos grandes mestres germânicos, apresenta Silvio Meira em sua Antologia Poética, são um dos melhores e mais seguros depoimentos que contamos do espírito poético universal...somos gratos, justamente gratos a Silvio Meira por essa contribuição sem limite de extensão: a revelação, em nossa língua – e, repito, em nossa difícilíssima língua – do que há de maior e mais imperecível na poesia e no pensamento poético alemão. Estamos a dizer: na poesia e no pensamento universal”.

O monumental Afonso Arinos de Melo Franco, também imortal da Academia Brasileira de Letras, sentenciou: “O Direito Romano levou-o, também, à intimidade com a língua alemã, sabidos que são os laços entre os juristas tedescos e o romanismo, e o conhecimento do alemão levou-o à prática da literatura germânica, especialmente o que concerne à Goethe...Foi, assim, com esforço, mas sem surpresas nem obstáculos que Silvio Meira alçou-se à posição, que hoje ocupa, de

expoente da cultura jurídica e humanística brasileira”.

E finaliza o não menos extraordinário Gilberto Freire: “...o erudito admirável, cujo alto saber nunca se desprende das coisas mais nacionais do Brasil, que é Silvio Meira”.

Foi toda uma vida dedicada à família, à cultura e à pátria, em especial à alemã.